



CONSUMO DE MÍDIAS SEXUAIS EXPLÍCITAS E O USO DE PRESERVATIVO

Chrystiany Plácido de Brito Vieira*

Vanessa Soares Rocha da Silva**

Telma Maria Evangelista de Araújo***

Fernando José Guedes da Silva Júnior****

RESUMO

Objetivo: analisar o uso do preservativo nas práticas sexuais de consumidores de mídias sexuais explícitas, segundo variáveis sociodemográficas. **Método:** estudo transversal e on-line, realizado na Região Nordeste do Brasil, com 349 usuários de redes sociais. Coleta de dados de setembro a dezembro de 2020. Realizaram-se análises univariadas e aplicou-se o teste qui-quadrado para verificar associação entre as variáveis qualitativas, sendo considerado o valor de $p \leq 0,05$. **Resultados:** predominou o sexo feminino (51,9%), com média de idade de 25,04 ($\pm 5,94$) anos, em que 56,0% possuíam o hábito de ver algum tipo de pornografia e 58,0% não possuíam o hábito de utilizar preservativo nas relações sexuais, sendo que essa variável não teve associação com nenhuma característica da amostra estudada. **Considerações finais:** verificou-se o alto consumo de mídias sexualmente explícitas, principalmente por jovens, na maioria do sexo feminino, sem a prática do uso de preservativo nas relações sexuais, apontando a importância da elaboração de políticas públicas e estratégias de prevenção às práticas de risco ao HIV voltadas ao consumo dessas mídias.

Palavras-chave: Sexualidade. HIV. Sexo sem proteção. Mídia Audiovisual.

INTRODUÇÃO

O Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/Aids) vem sendo assunto de discussão há décadas em todo mundo, devido à ampla distribuição epidemiológica e ao impacto que causa nos aspectos políticos, culturais, psicossociais e de saúde. O enfrentamento do HIV/Aids, desde o início, configura-se como um desafio para sociedade, tendo em vista os diversos aspectos envolvidos nesta epidemia, como os enfrentamentos sociais, circunscritos nos referenciais de direitos humanos, vulnerabilidade e assistência à saúde no Brasil⁽¹⁾.

Em que pese os avanços científicos e investimentos para controle e terapêutica do HIV, na América Latina, o Brasil é o país mais afetado pela epidemia, com um terço dos casos, e o único a ter aumento de novas infecções. No período de 1980, quando a epidemia estava iniciando, até junho de 2021, 1.045.355 casos de Aids foram detectados no país. No Brasil, de

2007 até junho de 2021, foram notificados no Sinan 381.793 casos de HIV e, em 2020, foram diagnosticados 32.701 novos casos. Os casos de Aids em 2020 chegaram a 29.917 – notificados no Sinan, declarados no SIM e registrados no Siscel/Siclom –, com taxa de detecção de 14,1/100 mil habitantes, totalizando, no período de 1980 a junho de 2021, 1.045.355 casos⁽²⁾.

Entender a dinâmica, a tendência dessa infecção e o comportamento da população na atualidade, inclusive nos ambientes virtuais, é fundamental para identificar o novo perfil na sociedade atual. Além disso, trará melhor compreensão do cenário de determinantes e fatores associados ao HIV/Aids e a identificação de dinâmicas de comportamentos de risco em populações-chave⁽³⁾.

Nesse contexto, a crescente abrangência das Mídias Sexuais Explícitas (MSE) na sociedade, de forma geral, têm preocupado pesquisadores e estudiosos em relação aos possíveis reflexos sobre posturas assumidas pelos consumidores, principalmente relacionadas ao HIV/Aids. As

*Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e do Programa Profissional em Saúde da Família RENASF/Fiocruz/UFPI. Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: chrystiany@ufpi.edu.br. ORCID ID: 0000-0002-3429-3329.

**Acadêmica de Enfermagem na (UFPI). Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: preta_vanessa007@hotmail.com. ORCID ID: 0000-0001-6155-7505.

***Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e da Pós-Graduação em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da UFPI. Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: telmaevangelista@ufpi.com.br. ORCID ID: 0000-0001-5628-9577.

****Enfermeiro. Pós-doutor em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da UFPI e do Programa Profissional em Saúde da Família RENASF/Fiocruz/UFPI Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: fernandoquedes@ufpi.edu.br. ORCID ID: 0000-0001-5731-632X.

MSE compreendem qualquer tipo de material com descrição de órgãos genitais ou atos sexuais explícitos de qualquer natureza, capazes de estimular ou modificar sentimentos ou pensamentos sexuais do espectador⁽⁴⁾.

Acrescenta-se, ainda nesta problemática, o cenário da pandemia da COVID-19, em que se observou aumento no consumo de pornografia, observado desde 2020, quando as autoridades determinaram o início do isolamento social. A empresa norte-americana *Netskope Security Cloud* declarou que apenas no primeiro semestre de 2020, houve incremento de 600% no acesso à pornografia na rede mundial⁽⁵⁾.

Dessa forma, este estudo mostra-se importante para o conhecimento do perfil dos consumidores das MSE na Região Nordeste, pois, cada vez mais, vem se popularizando e podem estar associadas às práticas de risco à disseminação do HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Além disso, a produção científica relativa a esta temática das MSE e HIV/Aids no Brasil está incipiente, tornando este estudo relevante para subsidiar elaboração de planos por gestores e profissionais de saúde no enfrentamento aos problemas encontrados junto a essa população.

Diante do exposto, objetivou-se analisar o uso do preservativo nas práticas sexuais de consumidores de mídias sexuais explícitas, segundo variáveis sociodemográficas.

MÉTODOS

Trata-se de estudo transversal e on-line, elaborado segundo as diretrizes da ferramenta *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE) e realizado na Região Nordeste do Brasil. A amostra foi composta por 349 participantes de ambos os sexos, que atenderam aos critérios de inclusão e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido on-line: idade a partir de 18 anos, ser usuário(a) de uma ou mais das redes sociais Facebook®, Instagram® e WhatsApp®, residir na Região Nordeste, já ter consumido alguma vez MSE e preencher todos os itens do questionário.

Os dados foram coletados de forma on-line, de setembro a dezembro de 2020, utilizando-se de parte de um instrumento sobre o consumo de

mídias sexuais e o HIV, previamente validado, contendo 56 questões do tipo fechadas e algumas mistas, das quais 15 foram utilizadas neste estudo, com tempo médio de preenchimento entre 8 e 10 minutos⁽⁶⁾, o qual foi enviado aos participantes de forma on-line. Apresentava, ao fim das perguntas, links informativos sobre a temática da pesquisa.

O convite para participação no estudo foi postado nas redes sociais Facebook®, Instagram® e WhatsApp®. Os participantes tiveram acesso ao link que os direcionava para o questionário do estudo, hospedado no *Google Forms*.

As variáveis de interesse desta pesquisa foram dados sociodemográficos (idade, sexo, identidade de gênero, orientação sexual, ocupação atual, renda pessoal, escolaridade, prática religiosa, religião, com quem mora e estado civil), hábito de ver pornografia, idade que começou a ver pornografia, número de cenas de MSE visualizadas por semana (considerando cena, em média, com 20 minutos) e uso de preservativo em todas as relações sexuais, sendo elas anais, vaginas ou orais, considerando que o não uso de preservativo é uma dimensão que compõe o conceito de práticas sexuais de risco adotado pelo Ministério da Saúde⁽⁷⁾. A variável dependente foi o uso de preservativo, com os desfechos sim/não. As demais variáveis descritas acima foram consideradas independentes.

Após codificação apropriada de cada uma das variáveis de interesse, os dados foram exportados do *surveymonkey* para o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 26.0, sendo realizadas análises univariadas, por meio de estatísticas descritivas. O teste qui-quadrado foi utilizado para verificar, nas categorias mencionadas, se as frequências de ocorrência diferiam entre as classes de agrupamento dos dados das variáveis qualitativas, sendo considerado para as análises o valor $p \leq 0,05$.

A pesquisa atendeu às recomendações da Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (UFPI), obtendo parecer favorável nº 3.915.991. Seguiram-se as recomendações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, de 24 de fevereiro de 2021,

conforme estabelecidas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

RESULTADOS

Em relação às características sociodemográficas, verificou-se que 51,9% eram do sexo feminino, com idades entre 18 e 59 anos

e média de 25,04 ($\pm 5,94$) anos. Houve predominância de moradia com os pais (58,2%), estado civil solteiro (68,8%), heterossexuais (57,0%), estudantes (58,7%), com ensino superior (47,6%), renda menor do que um salário-mínimo (31,2%) e com prática religiosa (64,2%) (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos participantes do estudo, segundo dados sociodemográficos. Brasil, 2022 (N=349)

Variáveis	Mínima-Máxima	Média(DP)	n (%)
Idade (anos)	18-59	25,04($\pm 5,94$)	
18-27			264(75,7)
28-37			67(19,2)
38-47			13(3,7)
48-59			05(1,4)
Sexo			
Feminino			181(51,9)
Masculino			168(48,1)
Identidade de gênero atual			
Mulher cis			177(50,7)
Homem cis			169(48,4)
Mulher trans			02(0,6)
Não binário			01(0,3)
Orientação sexual			
Heterossexual			199(57,0)
Homossexual			92(26,3)
Bissexual			48(13,8)
Não utiliza termos			06(1,7)
Pansexual			03(0,9)
Assexual			01(0,3)
Ocupação atual			
Estudante			205(58,7)
Trabalhador formal			80(22,9)
Profissional de saúde			48(13,8)
Autônomo			11(3,2)
Desempregado			05(1,4)
Renda pessoal (em SM)			
Nenhuma			87(24,9)
< 1			109(31,2)
1 - 3			96(27,5)
4 - 6			36(10,3)
> 7			21(6,1)
Escolaridade			
Ensino médio			112(32,1)
Ensino superior			166(47,6)
Pós-graduação			71(20,3)
Prática religiosa			
Sim			224(64,2)
Não			125(35,8)
Religião			
Católica			169(48,4)
Evangélica			24(6,9)
Espírita			14(4,0)
Outra			13(3,7)
Não se aplica			129(37,0)
Com quem mora			
Com os pais			203(58,1)
Com um colega/amigo			40(11,5)
Com o parceiro			39(11,2)
Sozinho			38(10,9)
Filhos			04(1,1)
Outro			25(7,2)
Estado civil			
Solteiro			240(68,8)
Casado/Relação estável			52(14,9)
Relacionamento não estável			52(14,9)
Viúvo			05(1,4)

Legenda: SM = Salário-mínimo R\$ 1.045,00 (referente ao ano de 2020).

Dentro da população estudada, verificou-se que 195 (56,0%) pessoas possuíam o hábito de ver algum tipo de pornografia. Destes, 45,0% assistiam até duas cenas, 29,0% de três a quatro cenas, 13% cinco a seis cenas e 13,0% sete ou mais cenas por semana de MSE.

Sobre o uso de preservativo nas relações sexuais, verificou-se que 58,0% dos participantes, de ambos os sexos, não possuíam o hábito de utilizá-lo, sendo a maioria do sexo feminino, heterossexuais, solteiros, estudantes,

com renda, ensino superior e hábito de pornografia. Ao cruzar as variáveis de caracterização com o uso de preservativo nas relações sexuais, verificou-se que nenhuma variável apresentou associação estatística significativa ($p>0,05$). Todavia, a maior parte dos participantes consumidores de MSE (56,9%) praticavam sexo sem preservativo, o que caracteriza prática sexual de risco ao HIV (Tabela 2).

Tabela 2. Uso do preservativo nas práticas sexuais de consumidores de mídias, segundo variáveis sociodemográficas. Brasil, 2022 (N=349)

Variáveis	Uso de preservativo		p-valor*
	Sim n(%)	Não n(%)	
Sexo			0,353
Masculino	73(43,5)	95(56,5)	
Feminino	74(40,9)	107(59,1)	
Identidade de gênero atual			0,518
Homem	73(43,2)	96(56,8)	
Mulher cis	74(41,8)	103(58,2)	
Mulher trans	-	2(100,0)	
Não binário	-	1(100,0)	
Orientação sexual			0,800
Homossexual	41(44,6)	51(55,4)	
Bissexual	23(47,9)	25(52,1)	
Heterossexual	79(39,7)	120(60,3)	
Prefiro não utilizar termos	3(50,0)	3(50,0)	
Pansexual	1(33,3)	2(66,7)	
Assexual	-	1(100,0)	
Estado civil			0,507
Solteiro	97(40,4)	143(59,6)	
Casado/Relação estável	21(40,4)	31(59,6)	
Relacionamento não estável	26(50,0)	26(50,0)	
Outro	3(60,0)	2(40,0)	
Ocupação atual			0,763
Estudante	90(43,9)	115(56,1)	
Profissional de saúde	16(33,3)	32(66,7)	
Autônomo	5(45,5)	6(54,5)	
Desempregado	2(40,0)	3(60,0)	
Trabalhador Formal	34(42,5)	46(57,5)	
Renda pessoal			0,216
Não possui	33(37,9)	54(62,1)	
Possui	114(43,5)	148(56,5)	
Escolaridade			0,285
Ensino médio	54(48,2)	58(51,8)	
Ensino superior	65(39,2)	101(60,8)	
Pós-graduação	28(39,4)	43(60,6)	
Prática religiosa			0,259
Sim	91(40,6)	133(59,4)	
Não	56(44,8)	69(55,2)	
Com quem mora			0,379
Sozinho	15(39,5)	23(60,5)	
Com meus pais	88(43,3)	115(56,7)	
Com um colega/amigo	20(50,0)	20(50,0)	
Com meu parceiro	13(33,3)	26(66,7)	
Filhos	3(75,0)	1(25,0)	
Outro	8(32,0)	17(68,0)	
Hábito de ver pornografia			0,383
Sim	84(43,1)	111(56,9)	
Não	63(40,9)	91(59,1)	
Nº de cenas de pornografia/ (n=195)			0,574
Até 2	37(42,0)	51(58,0)	
De 3 a 4	27(48,2)	29(51,8)	
De 5 a	8(32,0)	17(68,0)	
7 ou mais	12(46,2)	14(53,8)	

Legenda: *Qui-quadrado.

DISCUSSÃO

De acordo com o perfil sociodemográfico levantado neste estudo, verificou-se predomínio de jovens na faixa etária de 18 a 37 anos. Os jovens adultos parecem consumir com mais frequência maior número de MSE, o que pode ser relacionado ao acesso ilimitado a dispositivos eletrônicos que tem possibilitado uma nova forma de acesso e consumo de pornografia na juventude, trazendo impactos no seu desenvolvimento sexual e na igualdade de gênero nas relações, com o consequente surgimento de alterações sexuais e implicações sociais⁽⁸⁾.

Outro achado importante na amostra estudada foi o predomínio do sexo feminino, o que reflete a maior participação das mulheres acessando esse tipo de material, apesar da maioria do conteúdo pornográfico ser direcionada aos homens e não às mulheres, e a maior parte dos produtores terem a ótica de destinar tais conteúdos para o público masculino⁽⁹⁾. Porém, apesar de serem os homens os maiores consumidores de pornografia, o consumo por parte das mulheres tem aumentado. Conforme pesquisa divulgada em 2019, pelo portal de pornografia Pornhub, o Brasil é o segundo país no mundo com a maior proporção de acessos de mulheres no site, atrás apenas das Filipinas, em que as mulheres foram responsáveis por 39% dos acessos⁽¹⁰⁾.

A maioria dos participantes apresentava renda abaixo de um salário-mínimo, haja vista que a maioria era estudante. A baixa renda é fator que influencia o acesso à pornografia virtual, pois precisa investir em dispositivos eletrônicos. Esse achado diverge de outro estudo on-line realizado no Brasil, em que se constatou renda média dos participantes superior ao salário-mínimo brasileiro, o que facilita a conectividade via internet, o uso de celulares e computadores e, assim, o consumo de mídias sexuais⁽¹¹⁾. No entanto, é importante salientar que, atualmente, a internet permeia todas as classes sociais, ou seja, todos podem ter acesso a esse tipo de mídia.

A respeito do estado civil, houve predominância de solteiros. Apesar da propensão de consumo de pornografia devido à solidão e à frustração sexual, existem mulheres que não

consideram a pornografia uma atividade central no seu bem-estar sexual, embora haja uma pequena parte que declara aderir a sites pornográficos com relação compulsiva⁽⁹⁾. Entre os homens, alguns apontam que o principal motivo está relacionado à satisfação pessoal, tendo como finalidade um momento de prazer, como também relataram que os acessos se tornavam mais frequentes quando se sentiam sozinhos, frustrados, carentes e quando as relações sexuais diminuía⁽¹²⁾.

Na amostra estudada, observou-se que a maior parte dos entrevistados possuíam o hábito de ver pornografia, o que pode estar relacionado ao grande avanço tecnológico que facilita o acesso a esses conteúdos, principalmente na população jovem. Estudo do tipo *survey* on-line realizado no Brasil apontou que 94,8% dos participantes já consumiu pornografia alguma vez na vida e 66% declarou consumir pornografia atualmente⁽¹³⁾. Outro aspecto a ser destacado relacionado ao consumo da MSE é o período de isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19, que levou as pessoas a se sentirem mais solitárias, ansiosas e, em muitos casos, distantes fisicamente dos parceiros(a), em maior número as pessoas homossexuais, levando-as a consumir mais conteúdo de pornografia⁽¹²⁾.

Na literatura, são apontadas influências positivas e negativas do hábito do consumo de MSE na saúde sexual. Como positivas, pode-se apontar a utilização por muitos adolescentes e jovens como fonte de informação para aprenderem sobre identidade sexual, compreender os próprios desejos e como é a prática de sexo entre homens⁽¹⁴⁾, bem como melhorar a autoeficácia do uso do preservativo e o interesse pelo sexo seguro⁽¹⁵⁾, pois a maioria inicia a vida sexual permeada de muitas dúvidas, o que pode contribuir para práticas sexuais inseguras⁽¹⁶⁾. No entanto, podem influenciar negativamente o comportamento sexual em relação à aceitabilidade da prática de sexo sem preservativo como algo comum, favorecendo os riscos^(8,17). Essa controvérsia pode ser associada a recentes mudanças nas MSE relacionadas ao não uso do preservativo nas cenas, sobretudo entre Homens que fazem Sexo com Homens (HSH)⁽¹⁸⁾.

Outro impacto da influência negativa do

consumo de pornografia sobre desenvolvimento social e emocional saudável no comportamento dos jovens, especialmente quando o consumo de conteúdo sexualmente explícito ocorre nos estágios iniciais do desenvolvimento adolescente são a hipersexualização, a perpetuação de padrões de desigualdade de gênero nas relações sexuais e afetivas e vitimização de agressões sexuais on-line e offline⁽⁸⁾.

Estudo on-line, realizado no Brasil, que levantou fatores associados ao sexo sem uso de preservativos por pessoas consumidoras de MSE identificou que o consumo está associado à prática sexual sem uso do preservativo, sendo que preferir cenas de sexo sem uso de preservativos aumentou a chance de sexo sem preservativos, na amostra de estudo, em mais de quatro vezes⁽¹⁹⁾. Além disso, no presente estudo, essa prática de risco pode ser explicada pelas características sociais da amostra, como a faixa etária jovem, que costuma ser associada ao sexo desprotegido⁽¹¹⁾, e conhecimento frágil sobre IST⁽²⁰⁾.

A mídia social facilita a interação e aumenta a capacidade e frequência com que os jovens compartilham conteúdos de teor sexual, consciente ou inconscientemente, com base em determinados interesses e características. Esta prática, quando não adequada, pode influenciar a adoção de práticas inadequadas e o desenvolvimento de comportamentos sexuais de risco, principalmente entre jovens⁽¹⁵⁾.

Estudo também on-line realizado no Brasil mostrou que a preferência por filmes na categoria *bareback*, termo em inglês que significa “vaqueiro não usa sela”, amplamente utilizado por HSM para designar o sexo no qual intencionalmente se abre mão do sexo sem preservativo, esteve significativamente associada à prática de sexo sem camisinha entre os participantes, com sexo anal insertivo, sexo anal receptivo e sexo oral, aumentando em 2,6 vezes as chances dos HSH de se envolverem em sexo anal sem camisinha⁽¹⁸⁾.

Outro estudo realizado em Taiwan verificou que a exposição à MSE previu estreia sexual precoce, sexo inseguro e múltiplos parceiros sexuais ($p < 0,05$) e apresentou relação significativa com comportamento sexual de risco no início da idade adulta⁽²¹⁾.

No entanto, no presente estudo, não se

encontrou associação da orientação sexual com a prática de sexo sem preservativo, e a maioria dos participantes se declarou como heterossexual, o que reforça a importância de mais estudos sobre a influência do consumo desse tipo de mídia sobre as relações heterossexuais, haja vista que ainda são poucas as pesquisas nessa área no Brasil⁽¹¹⁾.

Identificou-se como limitação do estudo o fato de as informações terem sido autorrelatadas, logo, passíveis de vieses de memória, suscitando ressalvas sobre a precisão das informações. Contudo, a literatura está repleta de estudos que reforçam a viabilidade de se estudar assuntos que envolvem tabus, estigma e preconceitos, por meio de dados autorrelatados. Outra limitação refere-se ao fato de a amostra não ter sido estratificada por região brasileira, não sendo possível afirmar estatisticamente que os achados se comportam igualmente em todas elas, embora tenha havido a participação de pessoas das cinco regiões. Desta forma, sugere-se, para pesquisas futuras, que seja considerado o cálculo amostral que amplie a possibilidade de generalização em âmbito regional e nacional.

CONCLUSÃO

Os dados deste artigo mostraram o alto consumo de MSE, principalmente por jovens, na maioria do sexo feminino, com nível de escolaridade elevado, estudantes, com renda pessoal baixa, sem a prática do uso de preservativo nas relações sexuais, mesmo com parceiro fixo. Porém, não se encontrou associação estatística significativa dessas características com prática de risco ao HIV.

Diante do exposto, este estudo traz elementos para contribuir com o debate e as pesquisas sobre a temática, de modo a auxiliar na compreensão desta realidade, além de mostrar a relevância da elaboração de políticas públicas e estratégias de prevenção às práticas de risco ao HIV e, consequentemente, ao não adoecimento por Aids, voltadas ao consumo dessas mídias, assim como a orientação às produtoras deste conteúdo sexual quanto à importância dos cuidados de prevenção. Notaram-se poucos estudos a respeito do consumo de MSE, o que torna estes dados relevantes para estudos futuros.

CONSUMPTION OF SEXUALLY EXPLICIT MEDIA AND CONDOM USE

ABSTRACT

Objective: to analyze the use of condoms in the sexual practices of consumers of sexually explicit media, according to sociodemographic variables. **Method:** cross-sectional and online study, conducted in the Northeast of Brazil, with 349 users of social networks. Data collection from September to December 2020. Univariate analyses were performed and the chi-square test was applied to verify the association between the qualitative variables, considering the value of $p \leq 0.05$. **Results:** female sex predominated (51.9%), with a mean age of 25.04 (± 5.94) years, in which 56.0% had the habit of seeing some kind of pornography and 58.0% did not have the habit of using condoms in sexual intercourse, and this variable was not associated with any characteristic of the sample studied. **Final thoughts:** there was a high consumption of sexually explicit media, especially by young people, mostly female, without the practice of condom use in sexual intercourse, highlighting the importance of the elaboration of public policies and prevention strategies to the practices of risk to HIV directed to the consumption of these media.

Keywords: Sexuality. HIV. Unprotected sex. Audiovisual Media.

CONSUMO DE MEDIOS AUDIOVISUALES SEXUALES Y EL USO DE PRESERVATIVOS

RESUMEN

Objetivo: analizar el uso del preservativo en las prácticas sexuales de consumidores de medios audiovisuales sexuales explícitos, según variables sociodemográficas. **Método:** estudio transversal y online, realizado en la Región Nordeste de Brasil, con 349 usuarios de redes sociales. La recolección de los datos ocurrió entre septiembre y diciembre de 2020. Se realizaron análisis univariados y se aplicó la prueba chi-cuadrado para verificar asociación entre las variables cualitativas, siendo considerado el valor de $p \leq 0.05$. **Resultados:** predominó el sexo femenino (51,9%), con promedio de edad de 25,04 ($\pm 5,94$) años, en que 56,0% poseía el hábito de ver algún tipo de pornografía y 58,0% no poseía el hábito de utilizar preservativo en las relaciones sexuales, siendo que esa variable no obtuvo asociación con ninguna característica de la muestra estudiada. **Consideraciones finales:** se verificó el alto consumo de medios audiovisuales sexualmente explícitos, principalmente por jóvenes, en la mayoría del sexo femenino, sin la práctica del uso de preservativo en las relaciones sexuales, señalando la importancia de la elaboración de políticas públicas y estrategias de prevención a las prácticas de riesgo al VIH dirigidas al consumo de esos medios audiovisuales.

Palabras clave: Sexualidad. VIH. Sexo sin protección. Medios Audiovisuales.

REFERÊNCIAS

1. Maia ECA, Reis Junior, LP. Modos de enfrentamento do HIV/AIDS: direitos humanos, vulnerabilidades e assistência à saúde. Rev. NUFEN, 2019;11(1):178-93. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000100012&lng=pt&nrm=iso
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/Aids. Brasília: Ministério da Saúde; 2021.
3. Pereira GFM, Pimenta MC, Giozza SP, Caruzo AR, Bastos FI, Guimarães MDC. HIV/aids, hepatites virais e outras IST no Brasil: tendências epidemiológicas. Rev Bras Epidemiol. 2019; 22(suppl 1):E190001.supl.1. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720190001.supl.1>.
4. Hald GM. Gender differences in pornography consumption among young heterosexual Danish adults. Arch Sex Behav [Internet]. 2006[cited 2020 Nov 4];35(5):577-85. Available from: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-006-9064-0>
5. TECHTUDO. Acesso a sites pornôs cresce 600% em período de homeoffice [internet]. 2020 [acesso em 4 mar 2022]. Available from: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/08/acesso-a-sites-pornos-cresce-600percent-em-periodo-de-home-office-diz-pesquisa.ghtml>
6. Priscilla Dantas Almeida PD, Araújo TME, Chaves ACP, Nunes RV, Magalhães RLB, Galvão MTG. Instrument validation: online sex media consumption and HIV/AIDS risk practices. Enferm. glob. vol.22 no.69 Murcia ene. 2023. DOI: 10.6018/eglobal.517981.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/Aids. Brasília: Ministério da Saúde; 2019.
8. Gassó AM, Bruch-Granados A. Desafios psicológicos e forenses em relação ao consumo de pornografia por jovens: uma revisão narrativa. Adolescentes.2021;1(2):108-122. Available from: <https://doi.org/10.3390/adolescents1020009>
9. Sá MAA, de, Oliveira AD, Pereira OP. 2021. As consequências do consumo de pornografia para a sexualidade da mulher heterossexual. Revista JRG de Estudos Acadêmicos. 2021;4(9): 298–318. DOI:<https://doi.org/10.5281/zenodo.5500539>.
10. MONITOR MERCANTIL. Aumenta consumo de pornô por público feminino [internet]. 2021[acesso em jun 2023]. Available from: <https://monitormercantil.com.br/aumenta-consumo-de-porno-por-publico-feminino/>
11. Araújo TME, Almeida PD, Chaves ACP, Sousa ECC, Nunes RV, Sousa AFL, Fronteira I. et al. Factors associated with unprotected sex in people who consume sexually explicit media. Rev Bras Enferm. 2021; 74(6):e20210061. DOI: 10.1590/0034-7167-2021-0061
12. Santos JVO, Jesus Lade, Fonseca LKS, Alves MES, Araújo LF de. Comportamentos sexuais durante a pandemia da Covid-19: representações sociais de homens gays e heterossexuais. Actualidades en Psicología, 2022;36(132):29-42. DOI: <https://dx.doi.org/10.15517/ap.v36i132.42501>
13. Cerqueira-Santos E, Silva Júnior AF. Consumo de pornografia e satisfação sexual em uma amostra de adultos brasileiros. Rev. Bras. Sex. Hum. 2023, 34, 1074. DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v34.1074>
14. Nelson KM, Perry NS, Carey MP. Sexually explicit media use

among 14–17-year-old sexual minority males in the U.S. *Arch Sex Behav*. 2019; 48(8):2345-55. DOI: 10.1007/s10508-019-01501-3

15. Almeida PD, Melo Júnior EB, Araújo TME, Fronteira I, Marli Teresinha Gimenez

Galvão MTG. Mídias e comportamento sexual de jovens: revisão de escopo. *Enferm Bras* 2022;21(6):812-24. DOI: 10.33233/eb.v21i6.5292

16. Barreto MASA, Suto CSS Oliveira JSB, Miranda JVB, Porcino C, Moraes AAS. Representações sociais de estudantes de ensino médio da rede pública sobre prevenção em Hiv/Aids. *Cienc Cuid Saude* 2019 Out-Dez 18(4) e45285. DOI: 10.4025/cienccuidsaude.v18i4.45285.

17. Almeida PD, Araújo TME, Sousa AR, Magalhães RLB, Vieira CPB, Valle ARMC et al. Consumption of Sexually Explicit Media and Sexual Conduct of greater Exposure to HIV/AIDS in Brazilians. *The Open AIDS Journal*, 2023, 17, e187461362306270. Available from: <https://openaidsjournal.com/contents/volumes/V17/e187461362306270/e187461362306270.pdf>

18. Martins AA, Queiroz AAFLN, Frota OP, Araújo TME, Mendes IAC, Fronteira I et al. Consumo de mídias sexualmente explícitas e sexo anal desprotegido em homens que fazem sexo com homens. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(11):5841-5849, 2021. DOI: 10.1590/1413-812320212611.30532020.

19. Araújo TME, Almeida PD, Chaves AFGP, Sousa ECCL, Nunes RV, Sousa AFL, et al. Fatores associados ao sexo sem uso de preservativos por pessoas consumidoras de mídias sexualmente explícitas. *Rev Bras Enferm*. 2021;74(6):e20210061

20. Spindola T, Oliveira CSR, Santana RSC, Sodré CP, André NLNO, Brochado EJ. Sexual practices, knowledge and behavior of college students regarding sexually transmitted diseases. *Rev Pesqui: Cuid Fundam*. 2019; 11(5):1135-41. DOI: 10.9789/2175-5361.2019.v11i5.1135-1141

21. Lin WH, Liu CH, Yi CC. Exposure to sexually explicit media in early adolescence is related to risky sexual behavior in emerging adulthood. *PLoS ONE*. 2020; 15(4):e0230242. DOI: 10.1371/journal.pone.0230242.

Endereço para correspondência: Chrystiany Plácido de Brito Vieira. Avenida Presidente Kenedy, 8801, Bairro Tabajaras, Condomínio Aldebaran, Lote 13, Quadra K, Teresina, Piauí, Brasil. 86 99459-1277, e-mailchrystiany@ufpi.edu.br

Data de recebimento: 04/12/2022

Data de aprovação: 20/08/2023